Texto gentilmente fornecido e recomendado pela Profª Ana Rosa de IELP

Digitalizado por Hugo T. e dedicado a todos os bixos de Letras 2007

Obs: Infelizmente a xerox-matriz já estava desalinhada, só digitalizei as folhas fornecidas.



## OBRIGADO, A. A. PONTE PRETA

Um belo dia, os atores Ginaldo de Souza e Vera Viana, voltando de uma excursão ao Norte do país, resolveram fazer uma apresentação em Campinas. Acontece que um dono da cultura local estava montado num cargo público (desses para o qual o cidadão é nomeado e não eleito) e, ao saber que a peça que os artistas queriam apresentar era *QUANDO AS MÁQUINAS PARAM*, deste autor, virou bicho. E, desconhecendo o Alvará da peça, que fora fornecido pela Censura Federal para todo o território nacional, o dono da cultura local se arvorou em defensor implacável das famílias campineiras e não permitiu que a peça fosse apresentada no teatro que era do município, mas que o papanatas pensava que era dele. (Desgraçadamente, eu esqueci o nome do pilantroso.) Aí se deu a confa. Ator brasileiro vive sempre catando lata e, diante do esquinapo, o Ginaldo e a Verinha ficaram a perigo perpétuo. E já iam se conformando em ficarem no prejuízo, qundo a generosa gente da gloriosa Ponte Preta tomou conhecimento do assunto. Nem vacilaram. Abriram as portas de sua sede social para *QUANDO AS MÁQUINAS PARAM* e garantiram o taco, em nome da liberdade de expressão. E foi um tremendo sucesso. A família campineira pôde assistir tranquilamente a *QUANDO AS MÁQUINAS*

*PARAM*, o que significou o mesmo que avisar ao dono da cultura que o povo brasileiro não gosta de presepada dessa ordem. Naturalmente, o papanatas se fingiu de morto e não pediu demissão do cargo de dono da cultura.

Esse autor ficou pra sempre agradecido à gloriosa Ponte Preta e à sua gente e, por essa luz que me ilumina, muito mais feliz por ver *AS MÁQUINAS* apresentada na casa do clube do povão, em vez de ser apresentada no templo do fajuto dono da cultura.

De todo meu coração,
obrigado, Ponte Preta

PLÍNIO MARCOS



## QUANDO AS MÁQUINAS PARAM

### PRIMEIRO QUADRO

(AO ABRIR O PANO, NINA ESTÁ COZINHANDO. FORA DE CENA OUVE-SE BARULHO DE MOLECADA JOGANDO BOLA. DE REPENTE, TODOS GRITAM: "Gooooooolllll Boa, Zé! Zé é o cobra!")

ZÉ (FORA DE CENA) — Comigo é assim. Bola no barbante. Um a zero pra nós. e vai ter mais. (VOLTAM A JOGAR COMO ANTES. NINA VAI ATÉ A JANELA.)

NINA — Muito bonito, Zé! Eu te esperando com a janta e você jogando bola com a molecada! Vem comer, homem!

ZÉ (FORA DE CENA) — Pra mim michou. Meu técnico tirou meu time de campo.

(A MOLECADA FORA DE CENA GRITA: "Fugiu de medo, cagou no dedo!")

NINA (NA JANELA) — Por que não vão falar palavrão na porta de suas casas?

(A MOLECADA VAIA.)

ZÉ (ENTRANDO) — Qual é a bronca, Feola dos Pobres?

NINA — Essa molecada aí. Ficam falando palavrão aqui em frente. Por que não vão jogar noutro lugar?

ZÉ – Bola murcha! Tá queimada porque tomou vaia. Que você queria? Tirou Pelé de campo, leva vaia mesmo.
NINA – Não tem vergonha? Homem casado brincando com moleque de rua.
ZÉ – Vai me esculachar agora?
NINA – Não está certo, tá?
ZÉ – Papo furado esse seu.
NINA – Devia tomar jeito.
ZÉ – Deixa de onda. Que é que tem? Bater bola nunca fez mal a ninguém. Até ajuda a esquecer.
NINA – Esquecer? Sei. Que adianta esquecer?
ZÉ – Pelo menos não me arde o coco.
NINA – Arde o meu.
ZÉ – Quem manda ficar bronqueada à-toa?
NINA – À-toa? Quem aguenta os cobradores aí na porta sou eu.
ZÉ – Dispensa eles e fim. Que vou fazer?
NINA – Eu sei o que devia fazer.
ZÉ – Devia pagar?
NINA – Claro!
ZÉ – Mas, como não posso pagar, deixo pra lá. Conta nova deixo ficar velha e conta velha eu não pago.
NINA – Muito bonito pra nossa cara.
ZÉ – Mas, pombas! Se não posso pagar,não é culpa minha!
NINA – Seu Antônio da venda não quer saber. Já mandou receber umas vinte vezes.
ZÉ – Que merda!
NINA – Olha a boca, Zé!
ZÉ – É isso mesmo!
NINA – Mas não precisa falar palavrão.
ZÉ – E merda é palavrão?
NINA – É! E eu não gosto que fale.



ZÉ – Eu falo. Falo quanto quiser. O que esse labrego está pensando? Que eu vou roubar pra pagar ele? Ele que se dane! Que a gente já danou há muito tempo.
NINA – Ele não fia mais pra nós.
ZÉ – Azar!
NINA – Azar nosso.
ZÉ – E dele também. Porque agora, mesmo que possa, não pago o desgraçado.
NINA – Isso é que não! Quando a gente puder, a gente paga até o último tostão. Compramos, agora temos que pagar. Não gosto de ficar devendo nada pra ninguém. Deus me livre de dar calote nos outros!
ZÉ – E ele vai ficar na miséria só por causa desse cano que a gente vai dar?
NINA – Não quero saber. Gastou, pagou.
ZÉ – Essa conta sai na urina. Ele rouba no quilo mesmo.
NINA – Se ele é ladrão, nós devíamos era não comprar lá e pronto. Agora temos que aceitar tudo sem reclamar.
ZÉ – E não vamos comprar mais lá mesmo.
NINA – Agora que ele não quer vender, né?
ZÉ – Pobre é uma desgraça. Gente rica, que tem os tubos, não se afoba para pagar. Não querem nem saber.
NINA – Eles são eles! Nós somos nós!
ZÉ – Só que quem sempre se estrepa somos nós. Aquela coroa grãfina já fez o acerto do vestido que você fez pra ela? (PAUSA) Pagou uma ova!
NINA – Não pagou, mas vai pagar.
ZÉ – No dia de São Nunca.
NINA – Ela sempre pagou.
ZÉ – Nessa altura do campeonato, aquele vestido já deve estar todo esbagaçado. A empregada dela deve

estar agradando na gafieira com aquele pano. E nós aqui, no ora veja.
NINA – Como você gosta de falar. Não faz ainda nem um mês que ela levou o vestido.
ZÉ – O cacete! Eu ainda estava firme no basquete quando ela veio aqui experimentar. Foi ou não foi? (PAUSA) Não responde é que foi mesmo. Agora, quando o labrego vier aqui estrilar, manda ele receber na casa da piranha.
NINA – Era só o que faltava!
ZÉ – Então quem quiser que espere. Não estou no desvio porque quero. E não vou me azucrinar para pagar conta nenhuma.
NINA – Quem atura cobrador na porta sou eu.
ZÉ – Vou arrumar um cachorro. Quero ver quem põe o nariz aí no portão.

(PAUSA)

NINA – Zé, não é pra te encher. Mas, você fica jogando bola aí com a molecada, a vizinhança pensa que você é vagabundo. Todo mundo sabe que você está desempregado.
ZÉ – Ninguém tem nada com a nossa vida.
NINA – Mas eles falam.
ZÉ – Deixa falar. Não sou o único que está parado aqui nesse bairro. Só nessa rua tem uns vinte.
NINA – Mas ninguém fica jogando bola com a molecada na rua.
ZÉ – Eu fico! E daí? Gosto de brincar com moleque. Quem quiser se badalar na minha vida, que se badale. Pombas! Não tenho que dar satisfação a vizinho nenhum. Que zorra! É preferível ficar batendo bola aí na rua, do que ficar nos botecos enchendo o caco.



NINA – Natural que é. Mas você é homem casado.
ZÉ – E daí?
NINA – E daí é que não fica bem.
ZÉ – Não fica bem é eu não ter onde trabalhar. Isso é que não fica bem. E me arranjar uma viração, ninguém quer. (PAUSA) Escuta, Nina, a vida não está sopa. Se a gente não se espalha um pouco, acaba endoidando.
NINA – Eu sei. Mas, às vezes fico com medo que você machuque um moleque desses. Deus nos livre e guarde! Mas você joga aí como se fosse a Copa do Mundo.
ZÉ (RINDO) – Só vou na bola. Não machuco ninguém. Sei brincar e depois essa molecada é legal paca. Gosto deles pra xuxu.
NINA – Só que eles têm a boca suja.
ZÉ – Moleque é assim mesmo.
NINA – Não sei por que precisa falar palavrão.
ZÉ – Falam por falar. Mas são boa gente. Todos eles. Tem uns aí que jogam direitinho. Podem até ir pra frente e pegar um time bom. O Carvãozinho é um. Como joga o diabo do criolinho. Nanico daquele jeito e dribla paca. Vai longe.
NINA – (SORRINDO) – Deus queira.
ZÉ – Tomara.

(PAUSA GRANDE)

NINA – Tá pensando em quê, Zé?
ZÉ – Nessa molecada. Eles passam o dia na rua. Os que não derem sorte com bola estão lascados! Que nem eu.
NINA – Deus é grande.
ZÉ – Mas parece que esqueceu da gente.
NINA – Não diz bobagem.

ZÉ – Todo dia ando pra cima e pra baixo e não há meio de arrumar uma vaga.
NINA – Não pode desanimar.
ZÉ – Não pode mesmo. Mas às vezes o cara arreia. O pior é que tudo quanto é fábrica está mandando gente embora. Só a Fipam mandou mil ontem. E dizem que vão mandar mais na semana que vem.
NINA – Que será que está havendo?
ZÉ – O quê? Esse governo.
NINA – Mas tem que melhorar um dia!
ZÉ – Pior não pode ficar.
NINA – E o Sindicato?
ZÉ – Que pode fazer? Eles indenizam a gente e fim.
NINA – Mas não dá para fazer uma greve?
ZÉ – Ficou louca? Onde você já viu greve de desempregado?
NINA – Dos desempregados, não. Mas os que estão trabalhando paravam, até ter emprego pra todos.
ZÉ – Você está sonhando.
NINA – Não sei por que.
ZÉ – Pombas, Nina! Não diz besteira!
NINA – Besteira, não! Antes, não tinha greve por qualquer coisinha? Até por bobagem faziam greve. Parecia até que ninguém gostava de trabalhar. Agora que a coisa é séria, ninguém fala em greve.
ZÉ – Isso era antigamente. Agora o papo é outro.
NINA – São todos uns moles.
ZÉ – Moles, não! Só que é cada um pra si e olha lá. Quem tem emprego não quer saber. O cara que se assanha um pouco cai do burro. E todo o mundo sabe que não é canja arrumar outra vaga. Até eu, que sou mais bobo, se estivesse trabalhando, me fechava em copas. Quem dá sopa pro azar é trouxa.

(PAUSA)



NINA – Mas o sindicato devia fazer alguma coisa.
ZÉ – Fazer o quê?
NINA – Sei lá! Mas fazer alguma coisa para os sócios.
ZÉ – E não faz? Tem médico de graça. Tem dentista. Tem remédio com 50% de desconto. Tem uma porção de coisas.
NINA – Tem! Tem mesa de pingue-pongue e tudo!
ZÉ – Pombas! Como você está azeda hoje!
NINA – E não é pra estar?
ZÉ – Você não é durona? Não fica aí dizendo que a gente não deve desanimar? Então segura as pontas agora. Deus não é grande e os cambaus? Então aguenta a mão. Chorar não adianta. Pombas! Será que você pensa que só você é que se aporrinha com essa joça? Eu também ando de saco cheio. Pensa que eu gosto de ficar devendo pra todo mundo? Gosto o cacete! Por mim, não devia um puto de um tostão pra puto nenhum.
NINA – Foxa, Zé! Desabafa, mas não fala nome feio.
ZÉ – Está bom, Nina. Você ganhou. Um a zero pra você.
NINA (PONDO COMIDA NA MESA) – Vem comer, Zé!

(ZÉ SENTA-SE À MESA.)

NINA – Pra amanhã não tem mais feijão.
ZÉ – Amanhã é outro dia.
NINA – Seu Antônio da venda não fia mais pra gente.
ZÉ – Já escutei isso mil vezes.
NINA – E o dinheiro da indenização já acabou.
ZÉ – E aquela porra daquela grãfina de merda que não te paga!
NINA –Amanhã vou na casa da grãfina.
ZÉ – Isso! Aperta aquela vaca. Ela tem que pagar.

(PAUSA)

NINA – Não fica chateado, Zé. Sempre se dá um jeito.
ZÉ – Eu estou cansado de dar jeito, Nina, Precisava era acertar a nossa vida de uma vez.
NINA – Nada como um dia atrás do outro. O que não pode é desanimar. Quem sabe amanhã a gente tem mais sorte? Se a dona Elvira pagar o vestido, a gente acerta com o seu Antônio.
ZÉ – Daí ficamos sem grana e sem comida.
NINA – Se a gente paga, ele volta a vender fiado.
ZÉ – Será? Aquele portuga é unha de fome paca.
NINA – Ele não é tão duro como parece. Agora vê se fica animado. Não ia ter jogo hoje à noite?
ZÉ – Jogo micho. Juventus e São Paulo.
NINA – Escuta o jogo. Distrai.
ZÉ – Não vou escutar. Não quero nem saber o resultado. Depois, se me der vontade, vou lá no boteco e vejo o vídeo-tape na televisão.
NINA – Mas acaba tão tarde.
ZÉ – Que tem? Estou no desvio mesmo. Não tenho que levantar cedo. (PAUSA) Você fica chateada se eu for?
NINA – Não. É bom você se distrair.
ZÉ – Mas você fica aí sozinha.
NINA – Não tem importância. Vou ficar costurando o vestido da dona Helena.
ZÉ – Então eu acho que vou mesmo. Só pra esfriar a mufa. Tomara que o Juventus ferre o São Paulo. Daí é que eu vou tirar um sarro na cara dos são-paulinos. Mas, se esse time perde, somem todos os torcedores. São nojentos. Quando o Corínthians perde, eles aparecem pacas. Aí todo o mundo é são-paulino. Oh, raça da peste!
NINA – Vai torcer, mas não precisa arranjar briga.
ZÉ - Eu, brigar por causa de futebol? Não sou touxa!



(PAUSA. NINA VAI TIRANDO OS PRATOS DA MESA.)
ZÉ – Você lembra? A gente estava pensando em comprar uma televisão com o décimo-terceiro salário. Você lembra? Daí, caí do cavalo. Já estava até paquerando uma que vi na vitrina. Já tinha até visto o plano do crediário. Ia ser legal.
NINA – Ainda acho que foi sorte não comprar. Você já pensou se nós comprássemos e depois você fosse despedido? Íamos ter que devolver e perdíamos o dinheiro da entrada e tudo.
ZÉ – Mas ia ser legal ter uma, não ia?
NINA – Claro que ia. Está passando cada novela bacana! A dona Helena, quando veio trazer o vestido, me contou uma tão bonita. Quase chorei!
ZÉ – Você lembra daquele dia que a gente quase quebrou o pau porque você falou que queria ver um programa que é bem na hora do futebol?
NINA – Lembro. (RI) Como a gente é boba, não?
ZÉ – Você falou que eu era fominha, que queria a televisão só pra mim.
NINA – E você logo começou a estrilar, estrilar, xingar . . .
ZÉ – Porque você disse que eu estava com ciúme daquele fresco que era galã de novela.
NINA (RINDO) – Era só pra te encher.
ZÉ – E eu também só falei palavrão pra te chatear. Sei que você fica bronqueada.
NINA – Sei! Você ficou queimado. Ficou ou não ficou?
ZÉ – Fiquei. E daí?
NINA – Tá vendo?
ZÉ – E não é pra ficar? Você enchia a boca quando falava o nome do perobo.

NINA – Você é bobo, Zé. Você é muito mais bonito do que aquele galã.
ZÉ – Se eu dou um traquejo em mim, até que fico pintoso mesmo.
NINA – Convencido!

(OS DOIS RIEM.)

ZÉ – Daí, no dia seguinte, fui trabalhar. Cheguei lá, recebi o bilhete azul. Puta sacanagem.
NINA – A gente nunca podia imaginar.
ZÉ – Claro que eu ouvia falar que ía ter corte. Mas, pombas! Nunca pensei que ía embarcar nessa canoa furada. Pensei que só íam chutar os outros. Eu nunca perdia dia de serviço. Trabalhava direito. O mestre estava contente comigo. E tinha uma porrada de mau elemento lá. Mas, não quiseram nem saber. Mandaram todos pras picas.
NINA – Paciência.
ZÉ – O pior é que michou a televisão.
NINA – Não vamos morrer por causa disso.
ZÉ – Mas eu queria tanto te dar uma.
NINA – Quando você puder, você dá.
ZÉ – Amanhã vou me bater por aí. Tenho que dar uma sorte.
NINA – Vai firme que Deus há de ajudar a gente.
ZÉ – Eu só não me entrego porque você sempre acredita. Isso me joga pra frente paca. Poxa, Nina, como você é positiva. Você é bacana pra xuxu.
NINA – Sou tua mulher, Zé.
(ZÉ ABRAÇA NINA E A LUZ APAGA DEVAGAR.)

(fim do primeiro quadro)



## SEGUNDO QUADRO

(AINDA NO ESCURO, ESCUTA-SE UMA RADIO-NOVELA.)

GALÃ – Dizes não?
MOCINHA – É o destino que não quer nos fazer felizes.
GALÃ – Devemos lutar contra o destino.
MOCINHA – Não posso. Não tenho forças. Papai tem muitos preconceitos e tudo faria para nos destruir. Jamais ele admitiria que sua única filha se casasse com. . . com. . .
GALÃ – Um plebeu. (ACORDE DE MÚSICA)
(LUZ ACENDE LENTAMENTE. NINA ESTÁ COLADA AO RÁDIO.)
MOCINHA – Não fales assim, Eduardo.
GALÃ – É a verdade inexorável.
MOCINHA – Sei que és pobre, mas tens a alma nobre.
GALÃ – Teu pai só olha para a bolsa e nunca para a alma, que treme de emoção ao ver teus olhos, que são estrelas a iluminar como faróis a noite negra desse coração apaixonado, desse coração ferido pela incompreensão de tão grande amor.
MOCINHA (SUSPIRA) – Eduardo!
GALÃ – Helena!
MOCINHA – Eduardo, que devemos fazer?
GALÃ – Já que o destino não nos quer ver felizes. eu parto.

MOCINHA – Para onde, Eduardo?
GALÃ – Eu vou me alistar na Legião Estrangeira.
MOCINHA – Não! Não! (CHORA)
(ACORDE VIOLENTO)
LOCUTOR – Não percam amanhã, neste mesmo horário, a empolgante novela "Separados pelo Destino", uma oferta de "Leite de Violetas", o sabonete que seduz.
(ACORDE VIOLENTO)
(NINA DESLIGA O RÁDIO E SOLUÇA.)
ZÉ (ENTRANDO BEM TRISTE) – Oi, Nina.
NINA (AINDA CHOROSA) – Como você demorou, Zé!
ZÉ – Estava lá no boteco. Teve um bochicho do cacete. Mas, por que é que você está chorando?
NINA – Não é nada, não.
ZÉ – Alguém te aprontou alguma?
NINA – Não, Zé. Não é nada, não.
ZÉ – Foi o portuga da venda que veio aqui te encher? Ele te xingou? Eu quebro aquele portuga. Diz se foi ele.
NINA – Imagina se ele ía ter coragem,
ZÉ – Então foi a grãfina. Ela não te pagou e ainda te deu bronca. Vaca sem calça! Amanhã quem vai cobrar ela sou eu.
NINA – Ela já pagou.
ZÉ – Então diz o que foi. Quero saber.
NINA – Já disse que não é nada. Coisa à-toa.
ZÉ – Ninguém chora à-toa.
NINA – É por causa da novela.
ZÉ – Por causa da novela?
NINA – Está bonita, Zé. O pai da Helena não quer que ela case com o Eduardo e ele vai entrar para a Legião Estrangeira.
ZÉ – Legião Estrangeira! (PAUSA) Quando vier cobrador na porta diz que eu fui para a Legião Estrangeira. Legião Estrangeira! O Governo devia pegar todos esses perobos de merda e botar pra abrir estradas no Amazonas. São todos uns vagabundos. E você ainda fica chorando como uma bezerra desmamada, por causa que o Eduardo vai entrar para a Legião Estrangeira. Ai, ai.
NINA – Você não briga por futebol?
ZÉ – Futebol é outra coisa.
NINA – Cada um se diverte como quer.
ZÉ – Chorar não é divertimento.
NINA – E brigar é?
ZÉ – Briguei uma vez. E não foi por causa de futebol. Foi porque um italiano da peste, quando viu o Palmeiras tomando um couro, me atirou uma laranja na cabeça.
NINA – Se não fosse no campo, não brigava.
ZÉ – Vou no campo para me distrair.
NINA – E toda vez que o Corinthians perde, você fica uma vara. Não se pode nem falar com você.
ZÉ – O que é que você tem contra o Corinthians?
NINA – E o que é que você tem contra a novela?
ZÉ – É que na novela são todos uns bichas.
NINA – Dor de cotovelo.
ZÉ – Dor de cotovelo por que?
NINA – Sei lá.
ZÉ – Eu sei. Quando chegar a hora de vender, vender para livrar a cara, a primeira coisa que vai é esse rádio.

(PAUSA GRANDE)

NINA – Não arrumou nada hoje?
ZÉ – Se arrumasse, não estava assim.
NINA – Continua ruim?

ZÉ — Cada vez pior. Hoje teve uma fábrica que chutou quinhentos. E diz que não vai indenizar ninguém, senão estoura.
NINA — E o Sindicato?
ZÉ — Vai na Justiça.
NINA — E adianta?
ZÉ — Sei lá. Os caras têm direito.
NINA — Mas se o patrão pagar, estoura.
ZÉ — Aí que quero ver. (PAUSA) Está tudo uma merda e ainda tem gente que fica chorando porque o Eduardo entrou para a Legião Estrangeira.
NINA — Poxa, Zé, será que nem minha novela vou poder escutar mais?
ZÉ — Pode. Mas não precisa chorar.
NINA — Que vou fazer? Eles falam cada coisa bonita! Eu gostaria que você falasse assim pra mim.
ZÉ — Se eu fosse cabeça fresca, falava. Mas como eu vou pensar nessas bobagens todas, se vivo azucrinado? e depois. . . Eu nem tive estudo, nem nada.
NINA — Quando a gente namorava, você falava.
ZÉ — Você lembra, é?
NINA — Claro! Você sempre dizia: "Meu tesouro nessa vida são teus olhos de cetim. Se tu me dizes não, isso será o meu fim. Vou beber até morrer". . .
ZÉ — Isso é um tango que eu escutei. Do que eu mesmo inventei, você não gostava.
NINA — O que era?
ZÉ — Não lembra que eu dizia: "Nina, nessa vida só torço pra você e pro Corinthians."?
NINA — Não gostava porque você só dizia isso no sábado e no domingo se mandava pro campo.
ZÉ — Paixão que escravizava. Tan-tan-tan-tan tanmmm. . .
NINA — E a bobona que ficasse esperando.
ZÉ — E esperava. Era gamadona.



NINA — Mas agora aprendi. Demorou, já jantei. Teu prato tá aí em cima do fogão.
ZÉ — Poxa!
NINA — Ah, Zé. Tava com fome. Você demorou.
ZÉ — Passei lá no boteco e estava todo o mundo boquejando. Eu fiquei também. Sabe o que aconteceu?
NINA — O que?
ZÉ — Prenderam o Toninho, filho da Baiana ali do 43.
NINA — Aquele garotinho?
ZÉ — É. Ele mesmo. Sempre jogava ali com a gente.
NINA — Mas, o que ele fez?
ZÉ — Estava depenando um automóvel.
NINA — Mas, pequeno daquele jeito e já é ladrão?
ZÉ — Coitado, Nina. É moleque. Não sabe o que faz.
NINA — Não sabe o que faz? Falar palavrão ele sabe.
ZÉ — Que tem uma coisa com outra? Palavrão até eu falo. Todo mundo fala. Agora, roubar é que é espeto. Coitado! Seu Miguel baiano está largando fogo. Pai é pai. Não quer acreditar que o filhote estivesse afanando as peças.
NINA — A culpa é dos pais, que não tomam conta dos filhos. Essa molecada vive largada o dia inteiro na rua.
ZÉ — Cada um faz o que pode. Vão prender dentro de casa? Moleque é moleque.
NINA — Deviam botar ele numa escola,
ZÉ — Fácil falar. E o tutu? Pensa que é só querer botar os filhos na escola? Custa dinheiro,
NINA — Bota o filho de aprendiz de mecânico, ou qualquer outra coisa. Não é todo mundo que precisa ser doutor. Aprende um ofício. Tá aí uma grande coisa.
ZÉ — Falar é moleza. Eu é que sei. Nem ofício pude aprender. Tive logo que me atirar no que pagava

mais pra ajudar em casa. Fui ser ascensorista de elevador. Resultado está aí. Estou jogado fora. Operário especilazado se defende. Quem tem ofício se defende. Agora, quem não sabe nada tubula. Quando cheguei na idade de gente, me meti na fábrica. Primeiro contravapor, quem levou o pé na bunda foi o trouxão aqui.

NINA – Essa molecada é diferente. Eles não saem da rua.

ZÉ – Conversa! O Toninho estava se virando de lavador de carro. Foi lá que se misturou com os maus elementos.

NINA – Também isso lá é emprego que um pai arranje para um filho?

ZÉ – Vai fazer o que? Estão na merda. Quem pode tem que ajudar.

NINA – Eles não estão tão ruins assim.

ZÉ – Você é que pensa.

NINA – Estão melhor do que a gente. Seu Miguel pelo menos tem emprego.

ZÉ – Sálario mínimo, mulher e quatro filhos. Já viu a bosta de vida que o coitado deve levar.

NINA – Que mania que você tem de falar nome feio!

ZÉ – Porque você me enche o saco com essa onda de achar que todo mundo está melhor que nós.

NINA – Sei! Nós vamos de vento em popa.

ZÉ – Não, não vamos. Mas, os outros também não vão. Tá todo mundo bombardeado. Até muito bacana por aí anda assombrado.

NINA – O que eu sei é que seu Miguel podia esperar mais um pouco até arranjar um negócio melhor para o Toninho. Lavador de carro não dá futuro.

ZÉ – Esperar de que jeito? Só de aluguel o cara paga cento e vinte giripocas.

NINA – Por falar em aluguel, nós estamos três meses atrasados. Seu Raul veio aí receber outra vez.



ZÉ – Pombas! Quando não é um, é outro. Sempre tem que vir alguém encher o saco.

NINA – Que se vai fazer? A gente deve.

ZÉ – Mas o seu Raul sabe que estou por baixo. Bati uma caixa com ele e tudo. Ele falou que ía segurar o apito. Que sabia que isso acontece com qualquer um. Agora vem aí dar arroxo na gente. Ele sabe que, quando eu puder, eu pago.

NINA – Ele foi educado. Só queria saber se você está trabalhando.

ZÉ – Você falou que eu estou me batendo por aí atrás de emprego? Falou que eu não tenho medo de trabalhar?

NINA – Claro que falei, Zé. E nem precisava falar. Ele sabe quem você é. Até fez seu cartaz.

ZÉ – O que ele falou de mim?

NINA – Que você é um bom moço. Que foi uma pena acontecer isso com você, que é trabalhador, que sernpre cumpriu com suas obrigações. Que ele sabia que você devia andar preocupado com o aluguel, porque você sempre pagou em dia. Mas, que você não devia se preocupar, não. Que ele compreendia tudo.

ZÉ – Pombas! Esse seu Raul até que é bem bacana. Poxa, que cara legal! Hoje em dia, achar um que compreende o sujeito que está devendo não é sopa. Todo mundo acha que a gente não paga porque não quer. Esse papo dele me deixou contente. No duro. Que troço legal

NINA – Eu também fiquei bem alegre. A única coisa chata é que ele vai precisar da casa daqui a uns três meses.

ZÉ – Vai precisar da casa?

NINA – É. Vai casar a filha dele. Ele vai mudar para cá, pra deixar a casa em que ele está pra ela.

ZÉ – E nós?

NINA – Ele falou pra gente não se preocupar. Que, em último caso, ele ajuda a gente. Dá um dinheiro pra mudança.
ZÉ – Filho de uma puta! Nojento! Enganador!
NINA – Que foi, Zé?
ZÉ – Ele vai despejar a gente, Nina!
NINA – Despejar?
ZÉ – É. Ele pede a casa de fininho. Mas o que ele quer é botar a gente pra fora daqui. Canalha! Pra onde a gente vai, Nina? Pra onde?

(PAUSA)

NINA – Mas, ele falou que dá uma grana pra mudança.
ZÉ – Mas pra onde a gente muda? Quem vai querer alugar casa pra desempregado? Quem?
(NINA ESTÁ ABATIDA. PAUSA. ZÉ, NERVOSO, TIRA UM MAÇO DE CIGARROS DO BOLSO, PROCURA UM CIGARRO, MAS NÃO HÁ MAIS NENHUM. AMASSA-O IRRITADO E ATIRA O MAÇO LONGE.)
ZÉ – Merda de vida!
(NINA LEVANTA-SE, VAI ATÉ A PRATELEIRA, PEGA UM MAÇO DE CIGARROS E DÁ PARA O ZÉ.)
NINA – Olha aí.
ZÉ – Você comprou?
NINA – Claro.
ZÉ – Com que dinheiro?
NINA – Dona Elvira pagou o vestido. Paguei a venda e com o troco comprei esse maço de cigarros pra você.
ZÉ – Foi gastar em bobagens seu dinheiro?
NINA – Bobagem, não, Zé. Você gosta.



ZÉ – Poxa, Nina, como você é bacana. Se você não fosse tão positiva, eu já tinha me entregado. Palavra que você me dá um puta embalo. (ENCABULA.) Desconta o palavrão.
NINA – Não tem importância. Já estou acostumando.
ZÉ – Você é uma firmeza. Eu gostaria de te dar uma boa vida. Você merece. Mas pegamos um mar de azar, que eu vou te contar! Se não fosse você ser quem você é, eu me entortava. Mas a gente se apruma um dia, pode botar fé.
NINA – Eu acredito. Tudo tem que melhorar. Deus há de ajudar a gente. Nós nunca fizemos mal a ninguém.
ZÉ – Isso é. E quando melhorar, você vai ver que vida boa vou te dar. Logo de saída compro uma televisão.
NINA – Espera firmar. Televisão é muita cara.
ZÉ – Não quero nem saber o preço. Compro à prestação. Prestação é pra isso mesmo. Pra gente comprar. Aí, você vai se badalar de ver novela.
NINA – E você de ver futebol!
ZÉ – Mas a televisão é sua. Você é quem manda. Só vejo futebol quando não tiver programa que você goste.

(PAUSA)

NINA – Zé. . .
ZÉ – Ham?
NINA – Você deixa sábado eu ir ver televisão na casa da Carminha?
ZÉ – Que tem sábado?
NINA – Desfile de misses.
ZÉ – E você quer ver isso?

NINA – Quero. É bonito. As moças desfilam com cada vestido bacana! Depois de maiô. Todas com cada penteado que eu vou te contar. Você deixa eu ir?
ZÉ – Deixo. Mas, pra mim, você é mais bacana que todas as misses juntas.
NINA – É que você não viu elas. Só que tem um negócio.
ZÉ – O que é?
NINA – Acaba tarde.
ZÉ – Não faz mal, eu vou te buscar.
NINA – Oba! Que bom!
ZÉ – Agora vamos dormir. Amanhã quero sair batendo perna bem cedo. Vou em Osasco. O Otávio disse que tem uma fábrica que precisa de gente. Quem sabe dá certo?
NINA – Deus ajuda. Zé, você não jantou?
ZÉ – Estou sem fome.
NINA – Isso é ruim. Precisa se cuidar.
ZÉ – Vai por mim. Hoje não quero comer.

(PAUSA. ZÉ JÁ ESTÁ DEITADO, OLHANDO NINA COM MALÍCIA. NINA TAMBÉM VAI PARA A CAMA.)

NINA – Você está preocupado por causa da casa?
ZÉ – Nisso a gente dá um jeito.
NINA – Tem que dar!
ZÉ – Tem que dar!
(LUZ APAGA. NO ESCURO, OUVE-SE A VOZ DE NINA:)
NINA – Zé, se eu brigasse com você, você entrava pra Legião Estrangeira?

(Final do segundo quadro)



## TERCEIRO QUADRO

(NINA ESTÁ ARREMATANDO UM VESTIDO. ESTÁ BEM CONTENTE. ENTRA ZÉ, DESANIMADO.)
ZÉ – Oi, Nina!
NINA (PULA DA CADEIRA E DÁ UM BEIJO NO ZÉ.) – Alguma novidade?
ZÉ – Tudo bola fora.
NINA – Nem em Osasco?
ZÉ – Lá então é que me quebrou mesmo.
NINA – Não tinha vaga?
ZÉ – Tinha, sim. Só que o negócio lá é na base da sacanagem.
NINA – Só querem oficial?
ZÉ – Querem nada.
NINA – Conte as coisas direito, Zé.
ZÉ – É broca, Nina. Puta de um jogo sujo. Os homens só batem da barriga pra cima. Não querem nem saber. O negócio é de dar nojo.
NINA – Fala claro. Explica com calma.
ZÉ – Vou começar pelo começo, só pra você sentir o peso da batota.
NINA – Então começa.
ZÉ – Cheguei lá cedo pacas e já tinha nego na fila. Mas, eu fiquei um dos primeiros. Logo de saída, vi a maior tabuleta da paróquia pedindo gente. Jurava pra mim mesmo que ía tirar o pé da cova. Mas, logo me

toquei que ía ser na base do agrião. Quando a fila já estava dobrando a esquina, apareceu um cara dizendo que era do Departamento Pessoal. Parecia um porco, o desgraçado. Secou todo o mundo. E a gente só espiando o lance. Foi um cacetão de vezes até o fim da fila e voltou. Daí, começou a tirar uns caras pro lado. Levava pro canto e blá-blá-blá, tudo cochichado. Quando os caras voltaram pra fila, vinham bem contentões. Os outros, ali, só querendo saber o mistério. Daí, o porcão chegou em mim e me levou pras encolhas.

NINA – O que ele queria?

ZÉ – O troço mais escamoso que já vi na puta da vida. Meteu uma papa de anjo pra cima de mim. Disse que sabia que eu estava a perigo, sabia que eu precisava do lugar e tal e coisa.

NINA – Poxa, que adivinhão! Se você estava lá, é natural que queria um emprego!

ZÉ – Pois é. Mas vai escutando só. Ele disse que a vida estava um osso duro de roer e que eu, que estava no desvio, devia estar dando pinotes. Que até ele, que tinha um emprego, estava apertado. Eu, casado e tudo, sem viração, devia estar pior. E foi por aí. Maior conversador.

NINA – E você deu trela?

ZÉ – Só escutava.

NINA – Mas você disse que era casado?

ZÉ – Não disse nada.

NINA – Como ele sabia?

ZÉ – Sei lá. Acho que manjou a aliança.

NINA – Homem também repara nessas coisas?

ZÉ – Eu é que sei?

NINA – Poxa, não precisa responder assim.

ZÉ – Pombas! Quer ouvir o caso ou não?

NINA – Então conta.



ZÉ – Então não corta a história pra fazer pergunta besta.

NINA – Pergunta besta, não. Eu só queria saber como ele descobriu que você é casado.

ZÉ – Isso não interessa.

NINA – Pra mim interessa.

ZÉ – Nina! Não faz onda! Já venho da rua com os bagos cheios, chego aqui, você quer me encher mais.

NINA – Desculpa, Zé. Eu só quis saber o que você dizia.

ZÉ – Eu não dizia porra nenhuma. Só ouvia o porcão falar, pra ver o bicho que dava.

NINA – E o que deu?

ZÉ – Deu que o porco disse que, se eu queria a vaga, era com ele mesmo o ajuste. Que ele podia clarear minha barra, mas eu tinha que adiantar o lado dele.

NINA – Como? Você desculpe, mas não entendi.

ZÉ – Ele queria uma grana! Queria tutu! Dinheiro! Dinheiro vivo. Não estava ali pra botar azeitonas na empadinha dos outros. Queria o dele. Entendeu?

NINA – Ele queria que você desse dinheiro pra ele? Que comprasse o lugar?

ZÉ – Pois é. Falou que todo mundo tinha entrado na jogada. Só restava uma vaga, podia ser minha. Se eu tivesse cem giripocas.

(PAUSA LONGA)

NINA – Parece até mentira! Que coisa mais besta! Será que esse homem não sabia que quem estava lá precisava mesmo trabalhar? Que ninguém entra numa fila dessas pra brincar? Será que ele não sabe disso?

ZÉ – Claro que sabe! Por isso mesmo é que achaca.

NINA – Será que esse homem não sente vergonha na cara de querer roubar quem precisa? Será que ele não

tem mulher? Filhos pra sustentar? E se tem, ele não vê que é duro? Duro pra ele, que tem emprego, que dirá para os outros, que nem a gente, que não tem onde cair morto? Será que ele não vê isso? Mas, esse, Deus há de castigar. O que se faz de ruim nesta terra é aqui mesmo que se paga.

ZÉ – Ele sabe de tudo, Nina. Sabe bem. E sabe que esse papo de Deus castigar é conversa fiada. O negócio é ali na mortadela. Por isso, mete a mão no bolso dos otários, que a lei é salva-se quem puder.

NINA – E o Sindicato?

ZÉ – Que Sindicato?

NINA – Não vê isso?

ZÉ – Ver o quê? Vou eu lá no Sindicato reclamar? E daí? Fica a minha palavra contra a do porco. Porque os caras que entraram com a grana, na hora de provar, tiram o loló da seringa. Já morreram com o dinheiro mesmo, pra que arriscar perder o emprego? Os outros que se danem! Quem não tem padrinho morre pagão mesmo. Isso é que é.

NINA – Mas não pode ser assim em toda parte. Ainda existe gente boa. Não podemos perder a fé.

ZÉ – Se não fosse por você, Nina, hoje eu largava a mão de tudo. Ía ser o cara mais estrepado. Não queria nem saber. Começava pelo porcão. Mandava o sacana pra glória. Dava tanta porrada nele, que quando largasse o filho da puta nem a mãe dele ía reconhecer. Amassava o focinho dele. Desse o que desse. Palavra que hoje eu só queria ser solteiro. Fazia o azar.

NINA – Você não gosta mais de mim?

ZÉ – Não é isso. Eu sou gamado por você.

NINA – Mas você não queria ser solteiro?

ZÉ – Pra não ter responsabilidade e dar um castigo pra um cara nojento desses.

NINA – Deixa que Deus castiga ele.



ZÉ – Juro por tudo que é mais sagrado que eu quase que dei um murro na cara do bruto. Mas, daí, pensei em você e me aguentei. Pensei aí em você, chorando sozinha, se eu fosse em cana e tudo. Deixei pra lá. Me acalmei. Pensei na televisão que você quer. . . E aí tentei um arreglo, mas não deu. O sujeito era uma munheca. Falei até que ele podia descontar a grana no primeiro pagamento. Mas, que nada! Ele queria na ficha. Nada de recibo, que podia dar truta e ele não ía pra grupo. Jogava com carta marcada. Os outros íam arrumar grana emprestada, eu que fizesse o mesmo. Quando levasse as fotografias pra acertar os papéis, tinha que bufar com o dinheiro. Desisti. Nem voltei mais pra fila. Me arranquei direto. A gente é tão jogada fora, que não tem nem pra quem pedir.

(PAUSA LONGA)

NINA – Por que você não contou pros outros que estavam na fila? Todo mundo podia estrilar.

ZÉ – Pensei nisso. Mas eu estava tão jururu que não tive nem coragem.

(PAUSA LONGA. OS DOIS ESTÃO BEM TRISTES. NINA COMEÇOU A ALISAR OS CABELOS DE ZÉ.)

NINA – Não desanima, Zé. Tem coisa ruim que vem pra bem. Deus é grande e escreve certo por linhas tortas. Quem sabe se você não ía se dar bem por lá? E depois, Osasco é tão longe. É pra lá de onde Judas perdeu as botas. Só pra chegar naquele fim de mundo é um tempão. Sem contar que você ía gastar meio ordenado de ônibus. O pior mesmo era que a gente quase nem ía se ver. Quando você chegasse aqui, estava

na hora de voltar pra lá. Acho até que foi bom você não pegar esse emprego. E não precisa se preocupar muito com nada, não. (QUASE CHORANDO) Eu sou sua mulher. Estou sempre com você. Venha o que vier, dê o que der. Se o seu Raul pedir a casa e a gente não puder mais morar aqui, a gente mora em outro lugar qualquer. Na rua é que não vamos ficar. Pra comer, sempre se dá jeito. Morrer de fome não vamos. A gente come na casa da minha mãe e vai se aguentando.

ZÉ – Lá, não. É chato pedir favor pra sogra.

NINA – É sua sogra, mas é minha mãe. Que é que tem? Ela é viúva e tudo. Melhor pra ela.

ZÉ – Mas, se a gente começar a comer lá, sua irmã vai dizer por aí que eu estou cafetinando a viúva. Lá eu não quero. Prefiro passar fome.

NINA – Está bem. Mas, passar fome é que não vamos. Eu pego mais encomenda de costura e vamos vivendo. Tenho fé que logo você arruma emprego. Você é um homem de valor. Quer trabalhar. Eu te conheço. Sei que você nunca foi vagabundo. É só ter um pouco de paciência. Em tudo se dá um jeito.

ZÉ – Eu estou começando a cansar de dar jeito pra cá, dar jeito pra lá. Eu queria era ter um negócio firme qualquer. A maior mancada que dei nessa vida foi não ter aprendido uma profissão. Já que eu não pude estudar, devia ter um ofício qualquer. Ser barbeiro, ou alfaiate, sei lá. Mas ter um ofício. Pelo menos, me especializar em alguma coisa. Torneiro mecânico trabalha, quem sabe alguma coisa se vira. Os caras que nem eu é que sempre estão na mão. Apertou, são os primeiros a irem pra rua.

NINA – Não adianata lamentar. É tocar pra frente.

ZÉ – Eu sei que não adianta. Só estou falando. Que posso fazer? Quando era pequeno tive que ir dar



duro para ajudar em casa. Sempre tinha que escolher o que pagava mais. Aprendiz naquele tempo às vezes nem ganhava nada. Agora estou na mão das traças. Por isso que me dá pena ver essa molecada solta na rua. Deviam ir aprendendo um ofício.

NINA – Deviam mesmo. Mas não querem saber de outra vida, só jogar bola é o que eles querem.

ZÉ – Você pensa que é fácil se encaixar de aprendiz? Se fosse, não tinha tanto garoto na rua.

NINA– Mas, não se pode ficar pensando muito nos outros. Já temos tantos problemas.

ZÉ – Eu sei. Mas é que gosto dessa molecada. São bons meninos. Só é pena serem largados por aí.

NINA – Será que já soltaram o Toninho?

ZÉ – Sei, não. Seu Miguel baiano ía tentar soltar ele. Mas até esqueci de perguntar. Coitado do garoto.

NINA – Coisas da vida.

(PAUSA)

ZÉ – Hoje não é sábado?

NINA – É.

ZÉ – Não era hoje que você ía ver as misses?

NINA – Mas não vou, não.

ZÉ – Você queria ver. Vai. É bom, distrai.

NINA – Eu, não. Você está chateado, não vou te deixar aí sozinho.

ZÉ – Se é só por isso, vai. Já melhorei. Você me deu moral outra vez. Às vezes eu penso que, se eu casasse com uma bolha, eu já estava apagado. Ainda bem que eu casei com você, que é muito bacana. Quer ir ver a fofoca, vai. Você merece. Depois te pego lá.

NINA – Só vou, se você for no jogo.

ZÉ – Com que roupa que eu vou?
NINA – Hoje não joga o Corínthians?
ZÉ – E daí? Entrada custa uma nota. E a gente está mais dura que pau de galinheiro.
NINA (TIRA UMA NOTA DO ARMÁRIO) – Pega esse e vai.
ZÉ – De onde apareceu?
NINA – A dona Helena pagou a blusa dela.
ZÉ – Mas vai fazer falta.
NINA – Amanhã é outro dia. Vamos aproveitar hoje. Vai torcer por teu Corínthians. E eu vou ver televisão na casa da Carminha.
ZÉ – Será que devo ir?
NINA – Claro que deve. Precisa se distrair. Ficar pensando é que não resolve. Só vai conseguir é ficar careca.
ZÉ – Deus me livre! (TIRA UM PENTE DO BOLSO E PENTEIA O CABELO.) Se eu tenho uma coisa legal, é a juba. Bom, então tenho que picar a mula. Já estou atrasado.
(ZÉ PEGA UMA BANDEIRA DO CORINTHIANS E VAI SAIR.)
NINA – Na volta, passa na casa da Carminha e me apanha.
ZÉ – Tá. (DÁ UM BEIJO RÁPIDO EM NINA, VAI SAIR, PÁRA NA PORTA, VOLTA ATÉ NINA.) Nina.
NINA – Que é?
ZÉ – Nina, nessa vida só torço pra você e pro Corínthians!
(OS DOIS RIEM E SE ABRAÇAM. LUZ APAGA.)

(Final do terceiro quadro)



## QUARTO QUADRO

(ZÉ ESTÁ ESCUTANDO UM JOGO PELO RÁDIO.)

LOCUTOR – Clodoaldo pra Pelé, o Rei ajeita o esférico, olha a colocação dos seus, tem à sua frente um inimigo. Evita-o com majestade e lança pra Edu, que recebe livre, avança, vai chutar, chuta e o bolão sai rente às balizas defendidas por Dimas. Placar em Vila Belmiro: Santos 4, Guarani de Campinas 0. Com esse resultado, o alvinegro praiano continua invicto e dá mais um passo rumo ao título. Vai ser cobrado o tiro de meta. Nada mais pode fazer o Guarani. Estamos no crepúsculo da partida. Beber Preá é beber vida. Preá, a cachaça dos esportistas.

(ZÉ DESLIGA O RÁDIO. ANDA NERVOSO DE UM LADO PARA OUTRO. ENTRA NINA, TRAZ UMA SACOLA CHEIA NA MÃO.)

NINA – Oi, Zé.
ZÉ – Tudo bem lá?
NINA – Graças a Deus.
ZÉ – A velha está positiva?
NINA – Mamãe está toda contente porque vai receber uma bolada de dinheiro.
ZÉ – Vai vender a casa?

NINA – Ela não é louca! Vai receber o dinheiro da estrada. Lembra quando apareceu aquele advogado que descobriu que as viúvas dos ferroviários tinham direito a receber um atrasado? Aquele negócio de cargo maior? Você lembra, sim. Você até achou que o cara era vigarista.
ZÉ – Achei, não. O cara cheirava a vivaldino.
NINA – Pois é. Só que mamãe vai receber os atrasados. Ele que arrumou.
ZÉ – Então é que vai querer ser vereador nas próximas eleições. Aquele cara não me engana.
NINA – Você nunca viu ele.
ZÉ – E daí? Pelo que você falou, já me toquei.
NINA – O que interessa é que mamãe vai receber.
ZÉ – Sorte dela.
NINA – Você não fica contente?
ZÉ – Muito! Estou morrendo de alegria.
NINA – Poxa, Zé. Não é todo dia que se ganha dinheiro.
ZÉ – Eu não ganhei nada.
NINA – Mamãe ganhou.
ZÉ – Que faça bom proveito.
NINA – Mas não é por que ela se deu bem que você precisa ficar com essa cara.
ZÉ – Não estou com essa cara por causa dela.
NINA – Então por que está assim?
ZÉ – Por causa do Guarani de merda, que só joga contra o Corínthians. Contra a gente, ficaram os onze embaixo da trave para conseguir empatar. Contra o Santos, foram lá pra frente como umas bestas. Bem feito! Tomaram quatro e, se o jogo não acaba, levavam mais.
NINA – Você não saiu?
ZÉ – Bati uma bola com a molecada aí em frente. Depois vim escutar o jogo.



NINA – Viu o jornal?
ZÉ – Nada que preste.
NINA – Nem hoje, que é domingo?
ZÉ – Nem hoje. Só falam em guerra. Guerra no Vietnã, guerra no deserto, guerra na China, guerra na casa do cazzo. Emprego mesmo só tem michuruca.
NINA – O Zelito está indo muito bem com o táxi.
ZÉ – Ele estava lá?
NINA – Só foi levar a Aninha. Depois foi trabalhar. Não ía perder o domingo. Aninha disse que tem domingo que ele faz cinquenta contos livrinhos.
ZÉ – Logo eles amarram o cavalo na sombra.
NINA – Fim do ano acabam de pagar o táxi.
ZÉ – Daí é que vai chover na horta deles.
NINA – Eles estão com vontade de comprar um terreno em Suzano. Depois vão construindo devagar.
ZÉ – Suzano é longe pacas.
NINA – Mas vai ser deles.
ZÉ – É! Depois, de carro é sopa.
NINA – Eles estão bem. E merecem. O Zelito sempre trabalhou.
ZÉ (TRISTE) – Ele sabe guiar.
NINA – Você podia aprender.
ZÉ – De que jeito?
NINA – O Zelito te ensina.
ZÉ – Vou nessa. Ele ía querer que eu esbagassasse o carro dele?
NINA – Ele mesmo se ofereceu.
ZÉ – Você foi lá chorar miséria?
NINA – Eu, não. Ele que perguntou se você ainda estava parado. Daí, eu disse que estava.
ZÉ – E ele morreu de pena.
NINA – Só disse que você podia aprender a guiar com ele. Que, depois, ele trabalhava de dia e você de noite, com o carro. Podia dar pros dois.

ZÉ – Tá aí uma saída.
NINA – E bem legal!
ZÉ – Já pensou eu por aí de carango?
NINA – Com o tempo você compra um pra nós.
ZÉ – E meto a maior decalcomania do escudo do Corínthians no vidro. O do Zelito tem aquele nojento do São Paulo.
NINA – É o time dele.
ZÉ – Paciência. Só vou aturar aquilo na minha frente por uns tempos. Porque a gente precisa. Se não, não pegava nesse carro. O pessoal vai me tomar o pelo. Vão até dizer que eu virei casaca.
NINA – Mas você não pode achar ruim.
ZÉ –Eu, me bronquear por futebol? Só quero trabalhar.
NINA – Vou te fazer uma camisa de chofer. Daquelas que têm dois bolsos aqui e alça no ombro. Quer?
ZÉ – Azul?
NINA – Não, beige.
ZÉ – Prefiro azul.
NINA – Mas beige é mais legal.
ZÉ – Eu gosto de azul.
NINA – A do Zelito é beige.
ZÉ – E daí? Ele usa a cor que ele quiser. Eu quero azul.
NINA – Mas se os dois têm beige, parece até que é uniforme. Bacana pra xuxu.
ZÉ – Não é ônibus, pra tudo quanto é chofer andar igual.
NINA – Mas dá impressão que é táxi bem organizado.
ZÉ – Dá impressão que eu sou um puxa-saco. Que anda vestido igual ao patrão. Já não chega a merda do escudo do São Paulo no vidro?



NINA – Tá bom, eu faço azul. (PAUSA) Mas, se eu também fizer uma beige, você usa?
ZÉ – Daí uso.
NINA – Então vou fazer. Você vai ficar bacana pra xuxu com essa camisa. Só quero ver.

(PAUSA)

ZÉ –Não vai dar pé, Nina.
NINA – O que?
ZÉ– Essa jogada de eu ser motorista.
NINA – Não sei por que.
ZÉ –Falta a grana.
NINA – Ora, que grana? O Zelito vai te ensinar.
ZÉ – Mas pra tirar a carta?
NINA – Minha mãe falou que empresta.
ZÉ – Não quero esmola. Ainda mais da sua velha.
NINA – Esmola, não. Dinheiro emprestado. Não sei por que você implica tanto com minha mãe!
ZÉ – Porque ela sempre me agourou. Acho até que fiquei assim de tanto ela me secar.
NINA – Você acha que minha mãe ía querer nossa desgraça?
ZÉ – Ela não queria nem que você se casasse comigo.
NINA – Ela só queria que a gente esperasse um pouco mais. Até você se firmar na vida.
ZÉ – A velha coroca queria era te fazer cansar de esperar. Se fosse esperar, até hoje a gente era noivo. Já íamos fazer bodas de prata de noivado. E nada de eu me acertar.
NINA – Não xinga minha mãe, Zé.
ZÉ – Só estou falando a verdade. Ela que rogou praga na gente. Disse que eu não ía ser nada. Pimba, acertou na mosca. Praga de sogra seca até pimenteira.
NINA – Mamãe sempre gostou muito de você.

ZÉ – Clarol Porque eu dei fama de bidu pra ela. Me estrepei, ela está contente. Põe a boca no trombone pra anunciar: Não disse? Não falei? Não quiseram escutar, entraram bem.
NINA – A gente não está assim por cupa dela.
ZÉ – Estamos assim por minha culpa, então?
NINA – Minha é que não é.
ZÉ – Então é minha?
NINA – Não sei. Da minha mãe não é.

(PAUSA)

ZÉ – A culpa é da situação.
NINA – E minha mãe não tem nada com a situação. (COMEÇA A CHORAR.) Por ela a gente ía sempre bem. Você acha, Zé, que ela quer ver nossa desgraça? Ela é minha mãe. Você casou comigo, é que nem filho dela. Ela gosta muito de você. Ela sempre reclama que você não visita ela, nem nada.
ZÉ – Não chora, bobocal Pombas! Eu estava brincando, não precisa se queimar. Vai, Nininha, pára de chorar. Que coisa mais invocada!
NINA – Você falou sério.
ZÉ – Falei brincando.
NINA – Jura?
ZÉ – Juro.
NINA – Então não brinca mais assim, Zé. Você sabe que eu não gosto.
ZÉ – Não... não brinco. (PAUSA) Só que é fogo ter que pedir grana emprestada pra aprender a dirigir, pra depois ir trabalhar, pra depois ir pagar.
NINA – Que é que tem? Mãe é mãe.
ZÉ – Eu nem sei se levo jeito pra coisa.
NINA – Qualquer um aprende a dirigir.
ZÉ – Só que eu não sou qualquer um.



NINA – Você é igual aos outros. Igual aos outros, vírgula. Você é melhor.
ZÉ – Um cara que precisa da grana da sogra pra aprender uma profissão é o fim da picada.
NINA – Não põe minhoca na cabeça, Zé.
ZÉ – Mas é isso mesmo. Já pensou minha cara, se eu não aprendo a guiar? Se não tiro carta?
NINA – Mas por que você não há de aprender?
ZÉ – Por que? Porque, sei lá. Estou aterrado.
NINA – Bobagem, Zé. Tudo vai sair certo. (PAUSA) Você vai aprender?
ZÉ – Que remédio, né? Voul
NINA – Posso falar pro Zelito que você topa?
ZÉ – Pode.
NINA – Sabe de outra coisa legal? Minha mãe falou que, se o seu Raul quiser a casa mesmo, ela faz um quarto nos fundos da casa dela pra nós.
(ZÉ ESTÁ ABATIDO. NINA NEM PERCEBE. VAI TIRANDO MANTIMENTOS DA SACOLA E PONDO EM CIMA DA MESA.)
NINA – Olha quanta coisa mamãe deu pra gente.
ZÉ – Comida?
NINA – Poxa, Zé, ela parece que adivinhou. Nós estávamos bem ruins. Amanhã nem sabia o que ía fazer pro almoço. Não tínhamos nada.
ZÉ – Nina, o que você pensa de mim?
NINA – O que?
ZÉ – Você acha que eu vou comer esmola? Morar de esmola? Você acha que eu vou viver de esmola? Eu não sou aleijado, nem nada. Sou forte. Quero trabalhar. Eu não vou viver de esmola.
NINA – Eu seil Mas isso não é esmola. Foi minha mãe que deu. É só até a gente dar um jeito na vida.
ZÉ – Você deve ter chorado as pitangas lá na casa da sua velha. Ela deve ter ficado com uma puta pena

da filhinha dela. Coitada, casada com um vagabundo, que não quer bulhufas com o basquete. A velha ficou com tanta pena, que até deu esmola.
NINA – Mamãe só quer ajudar a gente. Ainda mais agora. . .
ZÉ – Que tem agora?
NINA – Agora. . . .
ZÉ – Que você foi lá contar miséria?
NINA – Não, Zé. Não é nada disso.
ZÉ – Então por que só agora é que a coroa se lembrou de dar uma colher de chá pra nós?
NINA – Eu. . . estou grávida, Zé.
ZÉ – Grávida?
NINA – Vou ter um filho.
ZÉ – E não dizia nada?
NINA – Queria ter certeza.
ZÉ – Vamos ter um filho?
NINA – Se Deus quiser.
ZÉ – Poxa, eu vou ser pai?
NINA – Vai.
ZÉ – Vou ser pai! Que legal!
NINA – Quer homem ou mulher?
ZÉ – Homem, claro! E você?
NINA – O que Deus mandar está bom.
ZÉ (ABRAÇA NINA.) – Vem cá, Nininha. Vem cá.
NINA – Tomara que nasça parecido com você.
ZÉ (BATE NA MADEIRA.) – Isola! Isola! Já pensou uma criança com uma cara dessas?
(OS DOIS RIEM. LUZ APAGA.)

(Final do quarto quadro)



## QUINTO QUADRO

(NINA ARRUMA A MESA E CANTA ALEGRE. FORA DE CENA, MOLECADA JOGA BOLA. ZÉ ENTRA E SENTA-SE SEM DIZER NADA. NINA ESTRANHA, MAS FINGE QUE NÃO NOTOU A CARA DE DESÂNIMO DE ZÉ.)

NINA – Então, Zezinho? Vai hoje falar com o Zelito?
ZÉ – Tenho que ir, né?
NINA – Ânimo, homem! A vida vai melhorar.
ZÉ – Vai.
NINA – Vamos comer, Zé. Hoje fiz a comida que você gosta. Picadinho.
ZÉ – Vamos comer, o pão que o Diabo amassou.
NINA – Não fale assim, Zé.
ZÉ – Por melhor que seja o tempero, essa comida vai ser dura de descer. Onde já se viu? Eu, um cara forte, tendo que viver de esmola.
NINA – Vai começar outra vez com essa história? Isso é uma ajuda que minha mãe deu pra nós.
ZÉ – Esmola.
NINA (PÕE O PRATO NA FRENTE DE ZÉ.) – Come, Zé. E não cria caso.
ZÉ (ATIRA O PRATO LONGE.) – Não vou comer porra nenhuma! Nem que me dane todo. Nem que tenha que comer merda. Não vou engolir essa porcaria.

NINA – Você faz o que quiser. Morrer de fome é que não vou, só porque você é cheio de orgulho besta.
ZÉ – Orgulho besta querer trabalhar?
NINA – Mas se não tem emprego?
ZÉ – Se não tem emprego, estende a mão e pede esmola. E depois? Com que cara vou me olhar no espelho? Aqui, ó! Me lasco, mas não me dobro. Tenho vergonha na cara.
NINA – Sem comer, ninguém pode viver.
ZÉ – Me lembro que minha mãe sempre dizia, quando o almoço atrasava e a gente reclamava que queria comer. Está com fome? Faz como o lobisomem. Vai na rua, mata um homem e come.
NINA – Claro que sua mãe falava brincando. Não existe lobisomem.
ZÉ – Claro que era brincadeira. Mas, para um cara de saco roxo que nem eu, é preferível desapertar em cima de um sacana qualquer, do que aceitar esmola. não ganhar nem pra comer é fogo, Nina. Deixa o sujeito ruim. Ou ele vira um cara de pau, nunca quer mais nada com nada e vai só no "me dá, me dá", ou vira lobisomem e come os outros. Te juro por essa luz que me alumia, que estou para embarcar numa dessas.

(PAUSA)

NINA – Antes de fazer besteira... Lembra que agora você vai ser pai.

(PAUSA LONGA. ZÉ PARECE TER UM GRANDE CONFLITO INTERIOR. DEPOIS DE MUITO TEMPO, VIRA-SE DE COSTAS PARA NINA.)

ZÉ – Nina... Você vai tirar esse filho.



NINA – Não entendi.
ZÉ – Você vai tirar esse filho.
NINA – Zé, você está falando sério?
ZÉ – Com essas coisas não se brinca.
NINA – Você está louco.
ZÉ – Nunca estive tão ligado. Por isso mesmo é que não quero filho.
NINA – Mas é meu filho. É seu filho.
ZÉ – E de quem você queria que fosse?
NINA – Só que eu não estou entendendo. Você gosta tanto de criança.
ZÉ – Claro que gosto. Por isso mesmo não quero que esse aí nasça. Nascer pra que? Pra viver na merda? Sempre por baixo? Sempre esparro? Sempre no arroxo? Aquil Eu sei bem como é essa vida. Uma putaria franciscana. Quem puder mais chora menos. E nós não podemos nada. Nem ter filhos.

(PAUSA)

NINA – Eu estou te estranhando.
ZÉ – Até eu estou me estranhando. De repente, eu abri os olhos e vi que pra gente não tem saída. Não dá pra ter filho.
NINA – Mas é seu filho.
ZÉ – E daí? Você quer que eu fique de boca aberta, como artista de cinema americano?
NINA – Nãol Só quero que você não diga besteira. Você está pensando que filho é o quê?
ZÉ – Filho é luxo. É pra quem pode.
NINA – Se Deus manda, a gente tem que receber.
ZÉ – Que Deus mandal Se a gente seguisse a tabela direito, você não pegava.
NINA – Pois é. Mas peguei.
ZÉ – E vai tirar na marra.

NINA – E a criança, Zé? Pensa na criança!
ZÉ – Vira anjo. É melhor pra ela.
NINA – Isso é pecado.
ZÉ – Pecado é largar o filho à olho no mundo. Que nem esse seu Miguel Baiano, que se encheu de filho e não pode cuidar deles. Depois, fica caindo pelas tabelas quando um se dana. Até agora não soltaram o Toninho. Bela merda ter filho pra isso. Eu não vou botar cria no mundo pra isso.
NINA – Já botou, Zé! Já botou! Ele está aqui dentro de mim. Sou mãe. Já estou carregando a criança na barriga. Já sinto amor por ela. Rezo por ela. Peço a Deus que a proteja. Ela já tem vida. E eu, como qualquer mulher ou bicho, vou proteger essa vida que está nascendo.
ZÉ – Eu também quero proteger, Nina. E quero livrar a cara dele dessa sacanagem de nascer pobre. Eu não quero que meu filho amanhã seja que nem eu, que só pego o pior.
NINA – A gente não pode pensar assim, Zé. Hoje a gente está por baixo e amanhã pode estar por cima. Todo mundo melhora. A gente também tem que melhorar. E você já pensou que remorso que nós vamos ter, se matamos essa criança?
ZÉ – Se a gente melhorar, a gente faz outro.
NINA – Isso nunca! Esse vai nascer. Se não queria filho, devia ter pensado antes.
ZÉ – Cabeça quente não pensa.
NINA – Eu nunca pensei que você fosse tão mau!
ZÉ – E eu nunca pensei que você fosse tão burra.
NINA – Também acho que fui burra de casar com você.
ZÉ – Burra de querer botar um bacuri no mundo, sem saber o que vai ser dele. Que pão ele vai comer.
NINA – Há de comer todos os dias. Onde come um, come dois.



ZÉ – Mas a gente não é só comer. Nós estamos nessa bosta por que? Porque eu só comi. Não sei fazer outra coisa.
NINA – E você não é feliz? Não casou comigo? Não temos um lar?
ZÉ – Felizes. . . Não podemos nem ter filhos.
NINA – Podemos! Isso podemos! Sou mulher igualzinha às outras.
ZÉ – Não é isso! Pra nós, falta grana.
NINA – Sempre faltou. E a gente sempre quis criança. Lembra quantas vezes a gente combinava? Você falava: Nina, vamos aproveitar uns dois, três anos pra passear, porque quando a gente namorava sua mãe não largava meu pé. Depois que a gente desforrar, então vamos ter um monte de filhos. Uns onze machinhos. Vai tudo jogar no Corínthians. E eu te dizia: Também quero uma menininha. E você dizia: A gente faz. Você lembra disso tudo, Zé?
ZÉ – Se eu soubesse das coisas que sei hoje, Nina, tinha te mandado dar um nó nas trompas.

(PAUSA)

NINA -- Como você mudou, Zé.
ZÉ – É. . . Eu mudei.
NINA -- Você sempre foi de acreditar.
ZÉ – Pra você ver. Me dobraram.
NINA – Você se entregou. Zé.
ZÉ – O jogo é bruto.
NINA – Me dá vergonha de ver você.
ZÉ – Porque você não sabe das coisas.
NINA – Sei mais do que você pensa.
ZÉ – Que é que você sabe?
NINA – Que o futuro a Deus pertence.

ZÉ — Deus é que nem Papai Noel. Só baixa em terreiro de rico.
NINA — Você afinou, Zé.
ZÉ — Só abri os olhos.
NINA — Esqueceu que agora você vai ser chofer?
ZÉ — Não vou longe com aquele táxi.
NINA — Pelo menos é um emprego.
ZÉ — Que não vai dar camisa a ninguém.
NINA — O Zelito está muito bem.
ZÉ — Ele é o dono. Os donos das coisas estão sempre bem instalados. Agora, quem não tem nada, não adianta se afobar, se bater pelas paredes. O cupim sempre alcança o pé da gente.
NINA — Você só queria um emprego. Agora já quer ser rico.
ZÉ — Só quero é ter sossego.
NINA — Sombra e água fresca.
ZÉ — Você me conhece. Sabe que não é isso. Eu queria é me sentir seguro. Saber que sempre ía ter trabalho, ter casa, ter comida, escola para os filhos da gente. Só isso que eu queria. E é o que todo mundo quer.
NINA — Trabalhando com o Zelito, você vai ter tudo isso.
ZÉ — Sei lá! A noite passada, eu me esqueci ligado. Quase queimei a mufa. Pensei, pensei, pensei. Só vi caca. Pensei em você, em mim, na vida de bosta que a gente leva. Pensei um cacetão de tempo. Pensei no porcão lá de Osasco, que se serviu da desgraça dos outros. Pensei nos caras que se arregalaram com ele, pensei nas contas que a gente tem pra pagar, no seu Raul pedindo a casa, na comida que sua mãe tem que dar pra gente, pra gente não morrer de fome. Pensei no favor que o Zelito vai me fazer, me ensinando a dirigir, pra depois eu ficar devendo favor para o patrão, que vai beber meu sangue. Pensei naquela puta fila de



Osasco. Todos, todos, até eu, umas vaquinhas de presépio, engolindo enrolado. E por que? Quantos caras de verdades estavam naquela canoa? E por que de repente, todo mundo se rende e entra no jogo sujo? (PAUSA) Por que, Nina?
NINA — Sei lá.
ZÉ — Porque eles têm mulher e filhos. E têm que aceitar. Aceitar com nojo, mas aceitar. E está aí a bosta toda. E é por isso que é melhor não ter filhos.

(PAUSA)

NINA — Eu não sei mais nada, Zé. Sempre estive do seu lado. Topei todas as paradas com você. Desde que casamos, nunca fomos num cinema, nunca passeamos, nunca comprei um vestido novo e nunca me queixei. Aguentei cobrador na porta, aturei desaforo e nunca desanimei. Nunca. Porque você estava aí firme. Sempre pronto pra sair pra outra. Sempre, sempre reagindo. E assim, a gente ía. Aos trancos e barrancos, mas íal íamos ter filhos, íamos ser como todo mundo. Eu era feliz, Zé. Agora, não sei. Não sei mais nada. Só sei que estou grávida. (PAUSA) E vou ter meu filho.

(PAUSA)

NINA — Você sempre gostou de criança, Zé.

(PAUSA LONGA)

NINA — Se for homem, vai ter o nome de seu pai.
ZÉ — Mané é nome feio.
NINA — Então vai ser Zezinho.
ZÉ — Zé já tem eu.

NINA – Se for homem, você escolhe o nome. Se for mulher, eu escolho, tá? (PAUSA) Se for homem, que nome você vai escolher?
ZÉ – Nenhum, Nina! Você não percebeu que eu não quero filho?
NINA – Mas eu quero!
ZÉ – Mas não vai ter!
NINA – Vou ter, custe o que custar!
ZÉ – Vai tirar!
NINA – Nunca!
ZÉ – Só que vai!
NINA – Isso estraga a mulher.
ZÉ – Quando a parteira é boa, não estraga.
NINA – Isso é pecado.
ZÉ – Pecado uma ova.
NINA – Deus castiga a gente.
ZÉ – Quero que se dane.
NINA – Mas eu não. É meu filho. Gosto deste e vou ter.
ZÉ – Vai ter uma pinóia.
NINA – Eu vou ter esse filho, Zé!
ZÉ – Não vai!
NINA – Se você é um frouxo, que tem medo de enfrentar as coisas, eu não tenho. Vou ter meu filho.
ZÉ – Mulher minha faz o que eu mando.
NINA – Já disse que vou ter a criança.
ZÉ – Já disse que não vai e fim.
NINA – Você não manda em mim.
ZÉ – Na minha mulher, eu mando.
NINA – Não sou mais sua mulher, então. Não sou mulher de um covarde. Isso é crime e é pecado, antes de tudo.
ZÉ – Se não é minha mulher, fora daqui.
NINA – Vou agora mesmo.
ZÉ – Pra onde?



NINA – Não é da sua conta!
ZÉ – Pra onde você vai?
NINA – Pra casa de minha mãe. Lá eu posso ter meu filho!
ZÉ – Daqui você não sai!
NINA – Você mesmo me mandou embora!
ZÉ – Deixa de besteira, Nina!
NINA – Você é que está louco!
ZÉ – Não fale assim comigo! Já estou cansado de te aturar.
NINA – Já vou embora.
ZÉ (EMPURRA NINA.) – Fica aí!

(PAUSA)

NINA – Vamos ter o filho, Zé?
ZÉ – Não! Não vamos ter porra nenhuma!
NINA – Então, eu vou embora!
ZÉ – Por aqui, você não sai.
(ZÉ SEGURA NINA, QUE FORÇA A PASSAGEM.)
NINA – Me deixa ir, Zé! Me deixa ir! Agora não sou mais tua mulher!
(ZÉ EMPURRA NINA, ELA BATE NA MESA E FICA FORA DE SÍ.)
NINA – Porco! Nojento! Bruto! Covarde! Sai da frente!
(NINA VAI SAIR, ZÉ IMPEDE. NINA INSISTE, ZÉ DÁ UM SOCO NA BARRIGA DE NINA, QUE SE DOBRA LENTAMENTE E VAI CAINDO COM ESPANTO E DOR NA EXPRESSÃO, SEMPRE OLHANDO PARA O ZÉ.)
(A LUZ SAI BEM DEVAGAR.)

( FIM )